Jennifer Souza

Era uma vez... A minha história



Era uma vez... A minha história

Um conto de Jennifer Souza

2019

PERIGOSAS NACIONAIS

Copyright © 2019 Jennifer Souza

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem a autorização por escrito da autora.

Revisão e Sinopse: Beka Assis

Diagramação: Jennifer Souza

Capa: Jéssica Gomes

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

+18

Jennifer Souza

1. Romance
2. Adulto
3. Conto

Todos os direitos reservados á Jennifer Souza

Essa é uma obra de ficção.

Quaisquer semelhanças com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Maitê é inspirada em Luzivania santos, uma leitora e amiga cheia de luz, que merece um mocinho tão incrível quanto o dos livros.

PERIGOSAS ACHERON

Assim como você leitor, você merece viver histórias tão incríveis quanto a dos livros, seja protagonista da sua própria vida... boa leitura.

Mundo real, parte 1

Maitê

Todos sabiam que o mundo real era uma bosta. Bastava ligar a televisão todas as manhãs, e todos os dias havia uma desgraça nova: mãe que matava filhos, filhos que matavam mães, maridos que matavam esposas, mulheres que eram estupradas ou centenas de pessoas que morriam por causa da negligência e ambição de outras pessoas.

Sem contar o que só aparecia na tv esporadicamente: homens que traem as esposas, mulheres que traem os maridos, bullying nas escolas, preconceito que sofríamos a cada dia, além da pressão psicológica para nos tornarmos mais bonitas, mais magras e mais aceitáveis nessa sociedade.

Eu era uma dessas pessoas, aquela que não se encaixava nos padrões de beleza pré-estabelecidos pela sociedade. Uma mulher deveria ser magra, mas não muito magra, deveria ter cabelos lisos e longos, pele alva e estar sempre disposta.

Eu não me encaixava em nada disso. Vestindo manequim 46, negra, cabelos curtos e cacheados, minha bunda era grande e minhas coxas grossas, por isso era difícil demais encontrar uma calça jeans decente. E quanto a estar sempre disposta? Bem, eu estava sempre cansada, já que trabalhava como enfermeira em um dos hospitais mais movimentados da capital. Meu turno era de 12x36, porém muitas vezes eu acabava por dobrar o turno e fazer 24 horas direto. Eu estava sempre exausta quando chegava em casa, por isso todos os meus relacionamentos terminaram da pior forma possível.

Eu estava cansada do mundo real. A única coisa que me consolava eram os livros, seus mocinhos maravilhosos e encantadores. Era como viver dentro de um conto de fadas; só que os príncipes naquelas histórias que eu lia não eram nada

delicados... eles pegavam as mocinhas de jeito e ao invés de lhe darem flores de presente, lhes proporcionavam orgasmos descomunais.

Ah, como eu desejava ser uma daquelas mocinhas.

Terminei meu turno de vinte e quatro horas e estava um trapo. Encarei meu reflexo no espelho do banheiro e minha cara estava acabada. Tudo o que eu gostaria era de chegar em casa, comer algo gostoso, tomar um bom banho, deitar na cama e ler um pouco.

— Por favor me ajudem, eu não consigo encontrar ele! — Escutei do lado de fora do banheiro uma voz triste e desesperada. Lavei meu rosto e sequei com a toalha. Já havia terminado meu turno, mas ainda assim iria ajudar essa pessoa.

Quando saí do banheiro, me deparei com uma senhorinha. Ela tinha mais ou menos um metro e sessenta, cabelos grisalhos e pele cor de oliva. Ela pedia ajuda a todos para encontrar seu neto e todos diziam que ela tinha que se encaminhar a

emergência ou que seus turnos já haviam acabado e não poderiam fazer nada para ajudá-la.

— Oi, qual o nome do seu neto?

Ela me encarou com os olhos marejados e sorriu.

— Você vai me ajudar, minha filha? — Assenti.

— Me chamo Maitê e sou enfermeira aqui. Já terminou meu turno, mas não conseguiria ir para a casa em paz sabendo que a senhora está procurando seu neto. — Falei tranquilamente.

— O nome dele é Charles... Charles Oliveira do Nascimento. — Assenti. — Ele sofreu um acidente de carro e estou tão preocupada. — Disse ela.

— Certo, vou procurar por ele. — Segui para o balcão de atendimento. O hospital hoje estava um caos, era carnaval e aquela época sempre era um caos total, pois sempre alguém passava do limite.

Pesquisei e finalmente encontrei o neto da

senhorinha e não levou nem cinco minutos... o que custava meus colegas darem só uma olhadinha para ela?

— Por favor, me siga, senhora.

— Joana. Meu nome é Joana.

Assenti.

— Por favor, me siga. Vou levá-la até seu neto. — Segui com ela pelos corredores, subimos de elevador e lá no segundo andar mostrei a ela seu neto. Ele estava inconsciente devido ao acidente de carro, estava adormecido, era um homem muito bonito vendo de longe.

— Muito obrigada, enfermeira Maitê. Por favor, como agradecimento leve esse livro.

Pisquei algumas vezes, contente.

— Eu iria dizer não precisa, mas amo tanto ler. — Peguei o livro antigo com capa de couro e li o que estava na capa.

A magia começa aqui, de Lauren C. Harris.

— Aceite, esse livro muda vidas. E quando terminar, passe adiante.

— E qual livro não muda vidas? Eles sempre nos tocam de alguma forma. — Falei, sonhadora.

— Mas este tem magia de verdade.

Eu a encarei, ela estava falando sério.

Eu havia lido Harry Potter e me permiti por um momento entrar na onda dela e acreditar em magia em nosso mundo. Eu sabia que era impossível, mas também sabia que os livros faziam a magia acontecer em nossas vidas, pois sem essa magia dos livros, minha vida seria muito infeliz.

— Certo, vou começar a ler hoje e depois darei a alguém de presente. — Ela sorriu para mim. — Agora a senhora aguarde, que o médico de plantão logo irá falar sobre a situação do seu neto.

— Obrigada, minha filha. — Ela me abraçou, me surpreendendo e então sentou-se na cadeira e

aguardou.

Segui para a minha casa intrigada. O livro tinha capa escura e era de couro, bem como aqueles livros antigos. Dentro do ônibus pesquisei no google sobre a autora e sobre o livro, porém não houve nenhum resultado. Fui até os grupos do whatsapp de leitura e perguntei a todas, porém nenhuma das meninas sabia sobre este livro.

Cheguei em casa, tomei um longo banho, esquentei o macarrão com frango que estava na geladeira e após comer, segui para minha estante de livros. Eu estava tão cansada que não sabia se conseguiria ler aquele livro antigo, principalmente se fosse uma leitura mais elaborada como os livros de Jane Austen; então segui para minha estante e fiquei procurando um livro para reler.

Haviam muitas autoras nacionais na minha estante, elas eram as minhas favoritas.

O que ler hoje? Passei por Evy Maciel, Marina Carvalho, Elizabeth Bezerra, Carina Rissi, Kacau Tiamo, Mila Wander, Jennifer Souza... opa...

Lennox ou Fire? Ou devo pegar Opostos? Quem sabe Cicatrizes ou Paixão proibida? Devassa, talvez? Optei por indomada, o livro 6 dos Lennox, afinal uma dose de Alejandro nunca era demais.

Fui para a cama acompanhada dos dois livros, o livro dos Lennox e o livro que ganhei de presente da senhorinha. Peguei primeiro o livro dela, iria dar uma chance. Se a leitura fosse cansativa, eu iria reler meu cowboy quente.

Você está pronta para a magia? Você ama a si mesma? Você está pronta para amar e ser amada? Você é maravilhosa do jeito que é?

Se todas as respostas forem sim, por favor, siga para a próxima página.

Que livro estranho, pensei.

— Sim estou pronta para ter um pouco de magia em minha vida. — Falei em voz alta, como

se estivesse falando com alguém. — Sim, eu amo a mim mesma; sim estou pronta para amar e ser amada, na mesma medida. — Acrescentei. — E sim, eu sou maravilhosa! — Disse em um tom mais alto ainda e comecei a gargalhar. Estava tão cansada que comecei a conversar com um livro.

Você é a protagonista da sua história, então viva cada dia como se fosse o último. Está pronta para a magia?

— Simmm. — Ri mais um pouco, que livro mais sem graça.

Virei a página seguinte e ela estava em branco.

— Mas o que? Cadê a magia do amor? — E então o livro começou a brilhar e quando menos esperei, peguei no sono.

*****

Despertei relaxada, não sentia dores no corpo e nem sonolência. O som dos pássaros era reconfortante e o braço que me segurava firme era quente, eu estava de conchinha. Ele tinha cheiro de loção pós barba e couro; e sua respiração na minha nuca era deliciosa.

Fiquei mais um tempo de olhos fechados curtindo aquele momento de plenitude, até que me dei conta de que vivia na cidade onde não haviam pássaros cantando e que tinha ido dormir sozinha noite passada. Então, quem era aquele homem? Quando escutei o relincho de um cavalo, arregalei os olhos.

— Você acordou, linda. — O homem tinha uma voz poderosa e beijou minha nuca e então meu ombro.

— Quem? — Ele me virou de barriga para cima e ficou por cima de mim. Ele tinha cabelos pretos curtos e sua pele tinha um bronzeado que só quem

era metade mexicano tinha o privilégio de ter. Ele era mais lindo do que eu imaginava. Minha imaginação não era nada comparado ao Alejandro Diaz que estava diante de mim.

— Você! — Disse surpresa.

— Estava esperando outra pessoa? — Perguntou ele, sorrindo.

Ele começou a me beijar e provocar. Eu só podia estar dentro de um sonho... mas por que parecia tão real?

Parte dois... mundo dos livros

Maitê

Ele começou pelo meu pescoço, espalhando beijos e me causando arrepios. Eu estava tão excitada! Se era um sonho ou não, eu iria aproveitar aquele momento, cada segundo dele; pois se fosse um sonho, eu certamente iria despertar antes da melhor parte. Era sempre assim, na melhor parte do sonho acabamos sendo despertados por algo ou alguém e acordávamos frustrados.

— Seu cheiro é tão gostoso. — Sussurrou ele, mordiscando minha orelha. — Cheiro de primavera.

— É jasmim... — Respondi sem fôlego.

— É delicioso. — Disse ele. Suas mãos enormes não paravam quietas. Uma delas agarrava meu traseiro enquanto a outra mão descia pela minha barriga indo até onde eu queimava por ele.

— Alejandro...

Seus dedos mergulharam em minha calcinha. Ele massageou meu clitóris me levando a lugares que nunca estive antes, ao mesmo tempo em que sua língua provocava meus seios. Eu iria gozar, eu estava tão perto... seria possível gozar tão depressa? Sempre tive dificuldade em atingir o ápice, porém os dedos ágeis de Alejandro estavam me levando por esse caminho rapidamente.

— *Muy...Caliente...*[1]— Ele beijou minha boca e quando movimentou os dedos mais depressa me levou para o abismo. Meu corpo inteiro tremeu e lágrimas vieram aos meus olhos. Eu estava atingindo o orgasmo.

Abri meus olhos para encará-lo e ter certeza de que era ele mesmo quem estava me proporcionando aquele momento de prazer. Alejandro era tão

grande, seus olhos castanhos me encararam com admiração, e nunca em minha vida me senti tão desejada quanto naquele momento.

Até que, como em todos os sonhos, algo nos interrompeu. Porém não foi meu despertador e nem nada do tipo; foram batidas na porta do quarto em que eu estava com Alejandro. Pronto, agora eu iria ser jogada na lama por Deborah Lennox! Esqueci completamente dela quando estava com Alejandro... também, quem em sã consciência conseguiria pensar em algo além daquele monumento?

Alejandro, frustrado e com uma ereção enorme, abriu a porta do quarto; mas não antes de me dar um selinho e me cobrir com o lençol.

— Graças a deus encontrei alguém! — Disse o homem que invadiu o quarto.

Ele tinha cabelos castanhos, pele cor de oliva, lábios cheios, olhos verdes e uma pintinha na bochecha esquerda, uma covinha no queixo. Ele era apenas uns três centímetros mais ou menos mais

baixo que Alejandro, usava jeans desbotado e uma camiseta verde com listras verticais brancas.

— Quem é você, homem? E o que faz na minha casa? — Perguntou Alejandro.

— Desculpe invadir sua casa, mas eu realmente não sei como vim parar aqui. — O homem me encarou e me cobri ainda mais com o lençol como proteção. Ele era um homem bonito, apesar de rústico. — Mas eu acordei com o relincho de um cavalo e vim procurar por ajuda... minha cabeça dói e não sei meu nome.

— Pelos diabos, você perdeu a memória!

— Sim, desculpe, mas vocês podem me ajudar?

— Não temos médicos aqui. — Disse Alejandro. — Minha Hermosa[2] é enfermeira.

— E Jake? — Alejandro me encarou. — Jacob Lennox trabalha no hospital. — Falei. Eu estava no universo certo? — Não é mesmo?

— Isso, vamos levá-lo até o senhor Lennox e

ele saberá o que fazer.

Perguntei-me onde estava Deborah e a penca de filhos.

— Agradeço muito. — Disse o homem. — E desculpe, vou esperar lá fora. — Ele deixou o quarto ainda olhando para mim, era como se não conseguisse desviar o olhar.

— Hermosa, vá tomar um banho e vamos tomar café antes de ir até a casa principal... vou preparar a banheira. — Alejandro sorriu para mim e entrou no banheiro.

Quando retornou, segurou em minha mão e me guiou até o banheiro. Chegando lá, despi as roupas que havia vestido na noite anterior antes de deitar para ler e entrei na banheira de água morna ainda com as pernas bambas.

Quem era aquele homem? Jennifer Souza nunca criou um personagem com falta de memória, e nenhum personagem descrito por ela se encaixava no perfil daquele homem. Bem, se era apenas um sonho, logo eu iria acordar... só esperava não me

esquecer de detalhe nenhum.

******

Depois de comer o típico café americano com bacon e ovos, e colocar um vestido azul escuro cheio de flores brancas — que estranhamente era do meu tamanho e estava no closet de Alejandro — pegamos um cavalo. Alejandro me ergueu e me colocou na sua frente já que eu não sabia nada sobre andar a cavalo. Talvez aquilo não fosse um sonho afinal de contas, pois em meus sonhos eu sabia andar a cavalo.

Porém foi muito melhor com Alejandro atrás de mim, me segurando firme. No outro cavalo foi o homem misterioso que perdeu a memória. Fomos a trote lento até a casa principal.

— Hermosa, você pode levar os cavalos para beber água no lago enquanto eu o levo até o senhor Lennox. — Assenti e Alejandro, acompanhado do

outro homem que parecia tão perdido quanto eu, seguiu para a casa principal.

Sentei-me na beira do lago enquanto os cavalos bebiam água avidamente. Fiquei encarando o reflexo da água por tanto tempo, quando de repente um homem surge de dentro da água. Ele tinha cabelos pretos, olhos azuis, barba por fazer, peitoral forte, pele clara e estava completamente nu.

Não consegui desviar meus olhos daquele corpo incrível. Fiquei com a garganta seca enquanto o observava com atenção. Ele estava nu em um lago, e pela descrição, só poderia ser... Travis!

Mas eu estava no Texas onde Alejandro, Jacob, John e outros viviam o Arizona era muito distante do Texas... qualquer pessoa com um pouco de conhecimento de geografia saberia, até mesmo uma leiga como eu. Porém, ao encarar ao meu redor, tudo havia sumido... os cavalos, a casa de Jacob e Megan, tudo havia desaparecido... era apenas mato e uma cerca de madeira, e claro, o lago e Travis.

— Você não vai entrar? — Perguntou ele com

um sorriso travesso. — Acho que está usando roupas demais e está seca demais para o meu gosto. Venha!

O que eu tinha a perder? Tomar banho de lago sem roupas com Travis era um dos meus desejos. Quando ele fez isso com Lenna, fiquei com muita vontade de fazer isso um dia.

— Estou indo. — Sorri para ele e levantei. Despi meu vestido, minha calcinha branca e meu sutiã, e sem vergonha alguma das minhas gordurinhas e celulites, entrei no lago com ele.

— Você está longe demais. — Disse ele. Ele então mergulhou no lago e quando voltou estava de frente para mim. Travis me puxou para próximo do seu corpo. — Agora sim está bem melhor. — Senti seu membro entre as minhas pernas e fiquei excitada novamente. Mal Alejandro havia me feito gozar e Travis estava pronto para me fazer gozar também.

— Travis... você vai me matar assim. — Gemi quando ele passou a língua em meu pescoço e

beliscou meu mamilo esquerdo.

— É professor O'Connor, garota levada. — Ele mordeu meu lábio inferior com força.

— Vai me castigar com sua régua de madeira também? — Provoquei e Travis esfregou seu membro em meu sexo.

— Você sabe como provocar um homem... — Comecei a gemer alto, pois Travis não parava de se esfregar em mim enquanto beijava a minha boca.

— EI, VOCÊS AÍ! O QUE PENSAM QUE ESTÃO FAZENDO? — Como em Destinos Cruzados, um homem montado em um cavalo estava ralhando conosco.

— Eu acho, Travis, que deveríamos começar a correr. — Falei, repetindo quase a mesma coisa que ele falou para Lenna.

— Só se for agora!

Peguei o vestido na beira do lago e o coloquei pela cabeça. Travis segurou na minha mão e correu

ainda sem roupas.

O homem gritava atrás de nós e eu sentia o vento contra meu rosto. Travis ria ao meu lado e comecei a gargalhar junto. Parei ofegante, escutando os passos de Travis bem atrás de mim. Encarei-o. Ver aquele homenzarrão correndo nu era uma cena para jamais esquecer.

— Acho que preciso perder alguns quilos. Mal corri e estou ofegante. — Ele me encarou e deu um tapa em meu traseiro.

— Acho que você está ótima assim. — Ele mordeu o lábio enquanto encarava meu corpo dos pés a cabeça. — Se você está satisfeita com seu corpo e tem saúde é o que importa. — Disse ele me encarando com luxúria.

— Isso é um sonho... os homens dos meus sonhos me achando gostosa... — Eu ri alto. — Vou aproveitar esse sonho.

Fechei meus olhos por um instante e quando os abri Travis havia desaparecido e eu estava ao lado de um celeiro. Uma mão forte me puxou do meio

da estrada, já que uma caminhonete estava vindo em alta velocidade.

Fui prensada contra a parede e ao abrir os olhos, encontrei o homem desmemoriado.

— Eu posso ter esquecido quem sou, mas concordo com aquele homem: você é linda e não consigo parar de pensar em você.

Eu o encarei, confusa.

— Você não foi ao hospital? — Perguntei.

— Eu cheguei no hospital com um homem que parecia o Thor. Veja bem, eu lembro do Thor, mas não lembro meu nome... Piada, não é mesmo? — Ele riu, e nossa, que sorriso lindo! — Bem, o tal Jacob Lennox, porém quando pensei em você e onde você estava, vim parar aqui.

— O que está acontecendo? Esse sonho está durando demais.

Ele me encarou confuso.

— Então estamos sonhando? — Perguntou ele.

— Bem, sim... eu, pelo menos, estou...acho. Não acho que você tenha entrado em meu sonho ou que tenha sido criado pela autora.

— Criado pela autora? Como assim?

— Nada... se você é desse universo não entenderia.

— Você também bateu com a cabeça? — Perguntou ele e tive de rir.

— Não que eu saiba. — Sorri.

— Seu sorriso é tão lindo. — Disse ele me encarando com admiração. — Tem certeza de que não nos conhecemos? Sempre que te vejo sinto algo aqui dentro. — Ele pegou minha mão e colocou sobre seu peito e seu coração estava acelerado.

— Eu me lembraria de você. — Falei. Ele me lembrava o Malvino Salvador, mas só lembrava. Talvez fosse um dos personagens engavetados de

Jennifer e por isso estava desmemoriado, pois ela ainda não criou seu passado ou lhe deu um nome.

— Você ao menos sabe onde estamos? — Perguntou ele.

— Flagstaff, Arizona, Estados Unidos, América do Norte... ou em algum universo assim. Antes estávamos em Indomada, depois em Destinos Cruzados... — Fechei os olhos por um instante. — Agora certamente iremos para Atração Irresistível, porque Luke é um dos meus personagens favoritos.

Ao abrir meus olhos novamente, o homem desmemoriado havia desaparecido. Eu me encontrava em uma estrada de terra, haviam cercas de madeira dos dois lados. De repente uma picape parou bem diante de mim e de dentro dela saiu ele.

Usando jeans desbotado, regata branca, chapéu preto, barba raspada e olhos castanhos, Luke Lennox me encarou.

— Você está perdida? Precisa de ajuda?

Eu o encarei.

Calmo como um lago, profundo como um lago... Luke Lennox era ainda mais lindo. Minha imaginação não fazia jus aquele homem diante de mim.

— Eu preciso de você, Luke Lennox. — Ele caminhou a passos largos até mim, segurou firme em minha mão, abriu o capô da sua caminhonete e me deitou sobre o cobertor que estava lá. Eu estava sem calcinha e sutiã, já que na fuga com Travis deixei tudo para trás.

— Eu posso mordê-la? — Perguntou, afastando as minhas pernas e passando a língua em meu sexo.

— Você pode fazer o que quiser comigo, Luke Lennox.

Se aquilo era um sonho, eu não queria mais acordar.

Maitê

Sexo oral era algo que mulher alguma recusaria, era um dos melhores momentos na hora H. Homens que diziam não curtir muito a prática ou eram uns idiotas egoístas ou precisavam fazer um grande esforço para gostar de mulher... um GRANDE esforço para gostar de boceta, se é que me entendem.

Mas o rei do sexo oral agora estava ali entre as minhas pernas e eu estava no paraíso. Luke inspirou o cheiro entre as minhas pernas. Ele não passou mais a língua o que estava me deixando impaciente.

— Que cheiro delicioso, Maitê. — Ele segurou firme em minhas coxas... aquelas mãos grandes apertando a minha carne. — Eu vou chupar você todinha.

— Sim, por favor...

Luke começou a depositar beijos e lambidas em minhas coxas, descendo pelas minhas pernas. Ele beijou minha panturrilha e atrás do meu joelho, me causando arrepios e me deixando cada vez mais excitada.

Luke chegou em um dos meus pés e então foi para a perna esquerda, refazendo o caminho. Ele me beijou em cada centímetro. Eu estava impaciente e erguia meus quadris de ansiedade. Quando ele alcançou o interior das minhas coxas, voltei a implorar.

— Por favor... — Falei sem fôlego.

— Eu vou lambê-la aqui. — Disse ele, esfregando o polegar em meu sexo úmido e quente.

— Sim... — Não consegui falar mais nada pois Luke deu mais uma lambida, seguida de outra e então outra em um ritmo lento, como se estivesse degustando um sorvete muito saboroso. Agarrei os cabelos negros de Luke mantendo-o entre minhas pernas e então as lambidas lentas tornaram-se mais intensas. Luke começou a me devorar, sugando,

lambendo com uma fome sem igual. Comecei a mover meus quadris, esfregando-me nele e suas mãos espalmaram minha bunda, me segurando firme junto a sua boca. Luke mergulhou sua língua dentro de mim e eu já estava no meu limite.

— Luke... eu... — Quando ele sugou meu clitóris uma vez mais atingi o orgasmo, uma segunda vez... era o meu recorde em um dia. Ainda zonza, Luke mergulhou dois dedos dentro de mim, fiquei apertando-o, sensível ainda com os espasmos do recente orgasmo. Luke tomou tudo de mim, me deixando trêmula, zonza e saciada.

— Você fica tão linda gozando. — Disse ele, deitando-se ao meu lado e lambendo os lábios.

Ele passou a mão na minha barriga. De repente fiquei tímida e a cobri.

— Hey, você é linda... não se cubra para mim. — Disse ele, sério.

— Eu tenho estrias e celulite e...

— E o homem que se importa com essas

bobagens é gay. — Disse ele e riu.

— Qual a graça? — Perguntei.

— Meu pai pensava que eu era gay. — Disse ele.

— Eu lembro, eu ri muito lendo isso. — Ri alto ao me lembrar da cena e Luke me encarou desconfiado.

— Você leu isso? — Perguntou sem entender.

— Bem, sim... é complicado de explicar.

Não era uma boa hora contar que ele era um personagem de um livro e que foi criado pela Jennifer.

— Você conhece a minha mãe?

— Claro que conheço a Nicolle. Mulher forte, incrível e admirável, a que domou o coração de Logan Lennox. — Ele assentiu.

— Isso explica você ter rido ao ler isso. Ela está

sempre escrevendo em um diário.

— Isso mesmo. — Concordei com ele para não complicar as coisas.

Ficamos encarando o céu por um momento em silêncio. Luke me abraçou e fiquei em seus braços sem dizer nada, apenas aproveitando aquele momento de paz.

— Me conte onde você conseguiu essa cicatriz. — Perguntou ele tocando em minha perna em dois lugares.

— Aqui foi de água fervendo. — Apontei para a queimadura. — Um descuido. Aqui foi um arranhão feito por um arame farpado. Eu estava fugindo de uma vaca na fazenda da madrinha da minha irmã. — Eu ri lembrando disso; apesar de não ter achado graça alguma na época. — Sou cheia de pequenas cicatrizes...

— E quem, não é? — Disse Luke. — Eu tenho várias, mas meu irmão tem muito mais.

— Dom... — Sorri.

— Sim... o oposto de mim. Eu sou razão e ele emoção. — Meu estômago roncou, e me perguntei quanto tempo levaria para Dominic aparecer agora que pensei nele.

— Vamos fazer um lanche? Já passa do meio dia. — Luke sentou e então pegou uma cesta de piquenique estava ali na caminhonete. Sentei de frente para ele e lá de dentro ele tirou sanduíches de frango, e claro, a torta de amora.

Luke parecia apaixonado por mim, assim como Alejandro e Travis... Eu me perguntei se eu perguntasse sobre a Sarah o que ele diria.

— Sempre quis provar a torta de amora da Sarah. — Falei após comer os sanduíches e pegar uma fatia da torta.

— Ela faz a melhor torta. — Disse ele.

Dei a primeira mordida e a massa da torta era crocante, porem se desmanchou em minha boca. Era doce, porém não muito doce, mas na medida certa, era cremosa e deliciosa. Eu sentia todos os gostos e sensações. Será mesmo que estava

sonhando? E por que eu?

— Diga para a Sarah que eu a admiro muito, como ela foi corajosa em se libertar de um relacionamento abusivo e como foi forte em criar Cameron sozinha. — Falei.

— Você também é admirável. Mesmo com tantos problemas ainda consegue colocar um sorriso no rosto todos os dias e ser carinhosa com as pessoas à sua volta. — Luke acariciou meu rosto. — Não sou muito bom com palavras como Dominic, mas saiba que você é incrível! — Luke me deu um selinho nos lábios e comovida me deixei deitar em seu ombro. — Agora vamos tirar um cochilo... minha doce Maitê.

— Obrigada por tudo, Luke Lennox. — Sabia que era nossa despedida. Dom não saia dos meus pensamentos e muito em breve Luke iria desaparecer; por isso abracei firme nele antes de pegar no sono.

*****

PERIGOSAS NACIONAIS

Despertei em uma cama aconchegante nos braços de um homem. Abri os olhos e o encarei. Era Dominic. Ele era muito parecido com Luke, porém tinha uma pintinha abaixo no queixo e uma cicatriz na face que o fazia se diferenciar.

— Assim eu vou ficar constrangido. — Disse ele abrindo os olhos e me flagrando ao observá-lo. — O que você está pensando?

— Em como você é maravilhoso, Dominic. — Falei. — Em como seu coração é constante...

— Você é maravilhosa, Maitê. Seu coração é enorme e é impossível não amar você. — Ele virou-se de lado e acariciou meus cabelos.

Aquele toque, aquele simples carinho e aquelas palavras de consolo me confortaram.

— Você precisa parar de carregar o mundo nas costas. Precisa parar de se preocupar com os outros e se preocupar com você. — Ele acariciou meu rosto novamente. — A vida não é fácil. Seja forte, Maitê, mas chore também quando tiver vontade e permita-se ser feliz sem culpa.

PERIGOSAS ACHERON

— Às vezes tenho medo de ser feliz. Eu me sinto culpada em ser feliz sendo que meu irmão não teve essa chance. — Comecei a chorar nos braços de Dom. Ele me consolou, me abraçou forte e deixou-me chorar o quanto eu quisesse.

— Tudo o que ele deseja é que você seja feliz e lembre dele com alegria... — Disse Dom. — Queria ter o poder mágico de arrancar a dor das pessoas, mas só quem tem esse poder é o tempo; e mesmo que não doa tanto com o passar do tempo, ainda vai doer. Nós precisamos seguir em frente e nos permitir ser felizes, pois não sabemos o dia de amanhã.

— Por que você não existe no meu mundo? — Falei.

— Eu existo... aqui dentro. — Dom tocou meu peito. — E você tem pessoas que te amam ao seu redor, você é jovem e vai ser feliz. É o meu desejo para você.

— Dominic, você é incrível.

Ele sorriu para mim.

— Não mais que você, Maitê... não mais que você. — Ele deu um beijo na minha testa e aquele beijo representou tantas coisas, foi como se Dom tivesse pegado meu coração em seus braços e o abraçado ternamente. — O que acha de comermos um pouco? Já é hora da janta.

— Estou passando a maior parte dos momentos aqui dentro dormindo, isso não está certo. — Reclamei.

— Você trabalha demais, precisa de um descanso. — Dom estendeu a mão para mim e me guiou para o chuveiro. — Mas antes deixe eu dar um banho em você.

— Me dar um banho? — Perguntei.

— Sim.

E foi o que Dominic fez, ele lavou meu rosto mandando minhas lágrimas embora, massageou as minhas costas e meus ombros doloridos e acariciou cada cicatriz do meu corpo. Ele cuidou de mim

com tanto amor e carinho que me senti nas nuvens; e depois do longo banho jantei com Dominic, um hambúrguer do Big Burguer, o melhor hambúrguer do Arizona e bebemos Coca-Cola com gelo. Logo deitei-me novamente na cama com Dom. Ele tinha razão, eu estava exausta e precisava de um descanso.

Não estava apenas exausta fisicamente, mas também mentalmente... eu precisava de uns momentos de paz. Dom e eu tínhamos tantas cicatrizes, o que me fez pensar em Mason e como aquele homem sofreu quando criança.

Ao adormecer nos braços de Dom, entrei em um mundo ainda mais esquisito. Achei que despertaria em Chicago, porém eu estava me um lugar todo branco e aquele homem misterioso estava lá.

— Você. — Disse ele e me abraçou forte, senti as batidas do seu coração aceleradas contra meu peito. — Eu estava com tanto medo de nunca mais ver você!

Meu coração palpitou, sentir-se necessária para alguém era tão bom e era como se eu fosse a pessoa mais importante para aquele homem.

— Você conseguiu descobrir seu nome? E por onde você andou?

— Não sei meu nome ainda... e depois que você desapareceu, fui parar em uma livraria antiga... — Ele encarou tudo ao redor, assustado. — Ah não, está acontecendo de novo.

— O que? — Perguntei ao encarar ele.

— Por favor, me encontre na livraria... eu estarei lá!

E então o homem sumiu e despertei com batidas fortes na porta.

Ao abrir os olhos vi que ainda não estava em casa, mas sim em um quarto desconhecido. A porta foi arrombada e só então me dei conta da fumaça e dos livros jogados ao meu redor.

— Moça, você fez isso de novo! Se distraiu

lendo... que irresponsável. — O homem cruzou os braços no peito e me encarou irritado.

Mason... então eu fui enviada a Chicago.

— Acho que você precisa ser castigada. — Disse ele.

E então caminhou a passos largos na minha direção.

Maitê

Mason era descrito no livro como um homem grande, mas nem em minha imaginação ele era assim tão grande quanto ao vivo. Ele passava os dois metros, isso era certeza, e deveria pesar uns cem quilos distribuídos em músculos por todo o seu corpo. Ele seria letal se fosse um homem violento, mas eu sabia que Mason era o homem mais carinhoso e de bom coração que existia.

A cama rangeu com o seu peso. Ele estava pronto para me atacar com selvageria, e por deus, que mulher não gostaria de ser levada a loucura por aquele homem? Porém eu sabia que meu tempo com ele era curto, eu tinha muitos personagens favoritos, mas pelos meus cálculos, estão aparecendo apenas aqueles por quem eu tenho mais amor; então depois de Mason faltariam apenas mais dois e fim da história. Então fiz com Mason algo que sempre senti vontade de fazer quando li sua história.

— O que você está fazendo? — Perguntou confuso quando o puxei para um abraço.

— Você é um homem maravilhoso, você não é um monstro, você merece todo o amor do mundo. — Enlacei Mason com as minhas pernas quando o abraçava. Ele relaxou e deixou-se abraçar por mim e de repente aquele homenzarrão chorou copiosamente.

— Eu sei, eu sei que não sou um monstro e me deixo ser amado, mas às vezes as memórias aparecem em meus sonhos e me vejo preso dentro daquele guarda-roupa novamente. — Sua voz soou rouca e acariciei sua cabeça.

— Você me ensinou e me deu forças a continuar seguindo em frente apesar dos machucados que a vida nos dá, e por isso sou grata a você, Mason.

— Mas você realmente está seguindo em frente? Está se permitindo viver e ser feliz? — Ele me encarou. Aqueles olhos cor de chocolate enxergavam minha alma.

— Eu estou tentando... não é fácil. — Mason limpou minhas lágrimas com a ponta dos dedos. — Não vivo dentro de um livro em que o final é feliz.

— Quem disse que termina no final? O final é apenas mais um começo como diz minha Brooke... depois do felizes para sempre os personagens seguem com a sua vida e com seus problemas como qualquer outra pessoa. O que diferencia as pessoas umas das outras é o seu coração e você tem um coração incrível.

De repente escutamos um barulho estrondoso e fiquei assustada. Mason levantou-se da cama em um pulo.

— Só um momento. minha linda, eu volto já. — Ele seguiu em direção a cozinha de onde veio o barulho e de repente tudo ficou silencioso.

— Mason? — Eu o chamei e o silêncio perdurou. — Mason, está tudo bem? — Nada de resposta.

Levantei da cama. Eu estava apenas de calcinha sutiã, peguei um roupão quentinho que tinha ao pé

da cama e vesti. Segui para a cozinha devagar e então o vi. Ele estava deitado no chão tremendo, o homem que não tinha memória.

— Meu deus! — Segui até o homem e o virei de barriga para cima. Ele tremia e seus olhos se reviravam. Eu o virei de lado, pois ele estava convulsionando, então levantei depressa e afastei alguns móveis para que ele não se machucasse, voltei para o seu lado e ele já havia se acalmado.

— O que aconteceu? — Disse ele ofegante um minuto depois.

— Você estava convulsionando. Precisamos te levar para o hospital. — Falei.

— Não... eu estou bem. — Disse ele e sentou-se. — Aí. — Ele pousou a mão sobre o peito.

— O que? O que? — Perguntei.

— Sinto como se alguém tivesse me batido aqui. — Disse ele com a mão sobre o peito e me encarou. — Mas que bom que te encontrei. Eu estava perdido em um lugar escuro e senti tanto

medo. — Ele segurou em minha mão e uma corrente elétrica se espalhou desde o meu braço até tomar conta do meu corpo.

— Venha, vou te colocar na cama. Está com fome? — Perguntei.

— Sim. — Ele segurou em minha mão e se deixou ser conduzido para a cama.

— Certo, vou preparar algo para você comer e volto já. — Ele segurou minha mão firme, me impedindo de sair.

— Posso ir com você? Estou com medo de ficar sozinho de novo e ir para o escuro.

— Eu não demoro. — Ele me encarou.

— Por favor. — Havia súplica em seu olhar. Minha pulsação estava acelerada e toda a vez que ele me tocava eu sentia algo diferente.

— Tudo bem. — Voltamos para a cozinha, encontrei contrafilé assado dentro de um pote na geladeira, maionese e queijo. — Vou preparar um

sanduíche de rosbife.

Cortei o contrafilé em tiras e as coloquei sobre a frigideira, passei maionese no pão e grelhei as fatias. Estava tentando focar em preparar o sanduíche, pois toda a vez que encarava aquele homem, ele estava me observando com intensidade.

Então escutei o barulho do liquidificador e quando vi ele estava preparando um suco. O cheiro de maracujá se sobrepôs ao aroma dos bifes e ele sorriu para mim.

— Você fez nosso almoço, nada mais justo que eu preparar o nosso refresco e depois lavar a louça.

— Você não lembra do seu nome, mas parece ter bons modos. — Falei sorrindo.

— Lembro dela me ensinar desde pequeno que devo ser um bom homem para as mulheres.

— Dela?

— Não sei quem ela é, mas sinto saudades dela.

— Deve ser sua mãe. — Comentei. — E ela lhe ensinou bem.

Juntos fomos até a mesa para almoçar. A casa de Brooke era incrível, modesta, mas com as estantes recheadas de livros. Era a cara dela.

— Me conte... o que você lembra? — Pedi.

— Lembro de estar dirigindo um carro. Eu estava indo para algum lugar importante, quando de repente um carro com uma música muito alta começou a andar em ziguezague na pista; e então quando dei por mim estava capotando... e é só o que eu lembro. — O encarei com atenção.

— Antes eu não conseguia imaginar como você entrou nos meus sonhos. Na verdade, tenho minhas dúvidas de que seja sonho, já que meu dedo dói. — Falei encarando o pequeno corte que fiz na hora que fui preparar nossos sanduíches. — Mas será possível que você esteja inconsciente no hospital e por isso entrou aqui comigo?

— Isso é loucura.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo isso aqui é... — Falei apontando para o lugar em que estávamos. — Nada disso daqui deveria existir de verdade... ou melhor, eu não deveria estar aqui... Pode ser que tudo isso exista mesmo...

— Como assim? Agora você está me deixando confuso.

— Sei que vai parecer loucura, mas lembra que estávamos em uma fazenda ontem? — Ele assentiu. — Bem, eu li uma série chamada série Lennox. de uma autora nacional, a Jennifer Souza. Já ouviu falar?

— Não.

— Certo, isso não importa... você nem lembraria se já tivesse ouvido falar dela, mas o que importa é que os homens que esbarrei até agora, tirando você, são todos personagens da série Lennox dela. Aqui é um cenário da série Fire, a casa de Brooke para ser exata, par do bombeiro Mason.

— Você está dizendo que estamos dentro dos PERIGOSAS ACHERON

livros dessa tal Jennifer?

— Bem, sim...

— Como em um universo paralelo?

— Podemos chamar disso.

— Você eu até entendo... mas o que eu estou fazendo aqui? — Perguntou ele.

— Não sei. Primeiro pensei que você pudesse ser um personagem engavetado dela, mas um personagem desmemoriado... não, ela não criaria um assim tão clichê.

— Minha falta de memória é clichê? — Ele me encarou, incrédulo.

— Bem, sim... — Eu ri de nervoso. — Desculpe...

— Tudo bem, siga seu raciocínio.

— Mas agora acho que estamos ligados de alguma forma...

— Eu sinto algo por você desde o momento em que te vi, e não sei a razão disso. — Ele segurou em minha mão, engoli em seco. — Quando te vejo sinto que você é a mulher mais incrível do mundo, sinto que quero ficar do seu lado todos os dias da minha vida, sinto que só serei feliz ao seu lado e quero te fazer sorrir todos os dias e limpar suas lágrimas quando você as derramar.

— Isso não pode ser real. — Falei e puxei a mão de volta. — Deve ser algo desse universo... essa declaração... ninguém nunca me disse algo parecido.

— Eu sou real.

— Você nem lembra seu nome. — Ralhei.

— Eu... sinto que sou real...

— Eu não posso me iludir assim... — Falei assustada. Ele estava me enchendo de esperanças, esperanças de que se eu saísse de dentro daquele universo encontraria ele do lado de fora e poderia ser feliz no mundo real. Mas eu estava com medo e fiz o que achei mais seguro: pensei em Trevor.

— De novo... — Disse ele assustado, olhando tudo ao seu redor. — Eu vou sumir... de novo... — Ele me encarou.

— Você não é real. — Falei. — Me perdoe.

— Eu vou encontrar a livraria... me encontre lá... eu sou real... — Ele gritou desesperado e fechei meus olhos com força.

Ele não era real, ele não era real... não existiam homens como ele lá fora...

Quando abri meus olhos senti uma mão em meu ombro e vi que eu estava em um lugar totalmente diferente. Minhas roupas haviam mudado também. Eu usava jeans e blusa preta.

— Mai, eu trouxe você aqui... sei que você estava curiosa para conhecer esse lugar. — Trevor sussurrou em meu ouvido.

— Você me trouxe ao Tilt? — Perguntei

sentindo minhas mãos suarem ao me dar conta de onde eu estava, era aquele prédio em que Trevor levou Crystal. Eu estava no 94º andar. Estávamos esperando para ir para o Tilt, uma atração do John Hancock Center, no 94º andar. Lá haviam janelas especiais, nós nos segurávamos nas barras de ferro daquelas janelas que iam do chão ao teto e então quando você estava ali segurando-se nas barras de ferro e ela se inclinava para a frente, era como se jogar na paisagem de Chicago e eu estava morrendo de medo.

— Está assustada, Mai? — Perguntou ele.

— Estou tremendo. — Ele segurou as minhas mãos e beijou cada uma delas.

— Se você não quiser ir, não tem problema.

— Eu quero! Quando terei outra chance de fazer isso se não agora? — A tensão de ir no Tilt me distraiu por um momento daquele homem, apesar do meu coração estar apertado. Eu estava preocupada com ele. Será que ele havia ido realmente para um lugar escuro?

PERIGOSAS NACIONAIS

Chegou nossa vez ao Tilt, Trevor segurou firme em minhas mãos. Meu coração estava muito acelerado, tanto que pensei que talvez eu fosse colocar o rosbife para fora, mas consegui aguentar. Eu estava tremendo e levemente tonta, mas me segurei nas barras de ferro.

Vivendo no Brasil e ganhando tão pouco, só Deus sabe quando eu poderia viajar, principalmente para outro país. Então vivi as emoções do Tilt, pensei que a qualquer momento eu iria cair dali do prédio. Temi por vários momentos que o brinquedo não aguentaria meu peso, tremi, senti medo, ri e chorei ao encarar aquela vista magnífica de Chicago.

Nem me dei conta de que o brinquedo voltou ao seu normal pois eu tremia e estava muito tonta e certamente minha pressão havia baixado bastante. Quando me dei conta, Trevor estava me erguendo em seus braços, me carregando como se eu fosse pluma.

— Ei, sou muito pesada.

PERIGOSAS ACHERON

Ele deu um selinho em meus lábios enquanto me carregava até um banco.

— Não seja boba. Que tipo de homem eu seria se não conseguisse carregar minha garota? — Ele falou sem ofegar. Aquele bombeiro era realmente muito forte, pensei. — Fique aqui. — Pediu ele.

E então retornou com duas casquinhas de sorvete de chocolate.

— Achei que toda essa emoção merecia um doce. — Trevor sentou ao meu lado e juntos comemos o sorvete, depois de alguns minutos suspirei profundamente. — O que houve?

— Só pensei que estou chegando ao fim deste passeio... — Suspirei. — E que terei de reler todos os livros quando voltar ao mundo real para matar as saudades.

— Livros? Você parece o Kevin falando.

— Ele é o último que vou esbarrar aqui, tenho certeza. — Falei. — Onde será que ele está?

— Na livraria, com certeza.

— Na livraria? — Perguntei assustada.

— Sim. — Lembrei-me do homem que perdeu a memória e que ele sempre citava a livraria.

— Acho que está na hora de voltar para a casa. É muito bom viver aqui, mas não sei se o tempo daqui passa com o mesmo tempo de lá e tenho que ligar para a minha mãe.

Trevor me encarou.

— Estou honrado em ser um daqueles que encontrou você, Mai, mas entendo seu desejo de voltar.

— Fantasia é muito bom, mas pertenço ao mundo real.

— Espero que essa experiência tenha sido proveitosa para você.

Eu sorri.

— Acredite em mim, foi muito proveitosa. Não só minha autoestima foi lá para o alto, como meu coração foi confortado. Eu estou pronta para voltar a minha realidade, por mais difícil que ela seja. Lá tenho amigas que esperam por mim; e quando eu contar essa história para as betas, elas vão surtar.

— Quer que eu te leve até o Kevin? — Perguntou Trevor.

— Sim, Trevor. — Ele acariciou meu rosto e me deu a mão. Segurei firme e juntos entramos em um taxi. Deitei no ombro de Trevor, sentindo seu perfume, guardando aquele momento em um cantinho do meu coração. Encarei as ruas movimentadas de Chicago e sorri. Era bom demais viver dentro dos livros, mas eu mal podia esperar para voltar a minha vida e finalmente me tornar a protagonista da minha própria história.

— Chegamos na livraria. — Encarei lá fora o letreiro da livraria.

“Once upon a time... my history”

Era uma vez...a minha história. Que belo nome

para uma livraria! E era assim que eu iria viver a partir de agora, sendo a protagonista da minha vida.

— Obrigada, Trevor.

— Seja feliz. Maitê. — Ele beijou meus lábios de leve e me despedi dele.

Quando abri a porta da livraria encontrei Kevin, seus óculos de leitura posicionados sobre seu nariz, lindo e concentrado como sempre. Ele se virou quando escutou o som do sino na porta e sorriu para mim.

— Oi, Maitê! Estava te esperando para devolver isso. — Kevin estava com o livro de couro na mão, A magia começa aqui, de Lauren C. Harris. — Mas antes, vamos passar um tempo juntos. — Ele me estendeu a mão e eu sabia que logo eu estaria de volta ao mundo real. Logo eu descobriria os segredos daquele universo e quem era aquele homem sem memória. Um personagem engavetado? Ou um homem real?

Maitê

Todos os personagens que encontrei eram admiráveis, homens incríveis e inteligentes; porém eu sabia que quem eu encontraria no fim daquela jornada seria Kevin. Kevin e sua mente brilhante. Kevin, o introspectivo que foi julgado por muitas pessoas pelo seu jeito de ser.

— Você já percorreu sua estrada de tijolos amarelos e agora. Está pronta para sair da toca do coelho?

Eu o encarei, confusa.

— Esses lugares não pertencem ao mesmo livro, certo?

Kevin sorriu. Ele tinha um sorriso tão lindo! Ele caminhou pelos corredores e pegou dois livros.

— O mágico de Oz e Alice no País das

Maravilhas... a toca do coelho...

— É de Alice e a estrada de Oz.

— Bingo.

— Faz tempo que vi os filmes, por isso estava um pouco confusa.

— Você precisa ler os livros. — Assenti.

— Se você indicou, terei mesmo que ler. Comecei Harry Potter por sua causa. — Apontei.

— Que bom que te influenciei.

— Do jeito que você falava dele, foi impossível resistir. Comecei um tempo depois que meu irmão se foi...

— Ele te consolou? Harry Potter?

Dei de ombros.

— Um pouco... aqui me consolou muito mais. — Falei, apontando tudo ao meu redor. — Gostaria

de poder viver aqui para sempre, mas ao mesmo tempo sei que seria viver uma ilusão e logo eu iria me cansar, e sentiria saudades das pessoas que amo. — Encarei Kevin. — Pois se tem uma frase de “O magico de Oz” que me lembro é: Não há lugar como o nosso lar.

— E é verdade! Você só será feliz quando voltar. Sei que de onde você vem não é tão encantador como aqui, mas aqui não é real... é como se você estivesse dentro da Matrix. — Eu o encarei sorrindo. Kevin era tão nerd.

— Me pergunto se existe alguma pílula azul ou vermelha. — Eu ri. — Não que eu goste do filme, mas lembro dessa parte em específico.

— Não há pílulas. — Ele riu. — Mas tenho certeza que você faria a escolha certa se existisse.

— Sim, eu voltaria para o meu lar. Posso ver? — Pedi o livro de Alice no País das Maravilhas e folheei algumas páginas, e vi que haviam algumas marcações com post-its.

— Eu gosto de marcar as minhas partes

favoritas. — Explicou Kevin.

Procurei por uma poltrona e a encontrei, vermelha e confortável. Sentei com o livro no colo até que achei uma frase que se encaixava com o que estava me acontecendo.

— Quando acordei hoje de manhã, eu sabia quem eu era, mas acho que já mudei muitas vezes desde então. — Fechei o livro e nem me importei dele estar em português. Na verdade, se eu fosse me importar com esses detalhes, me perguntaria os motivos de Alejandro e todos os outros personagens estarem falando em meu idioma, sendo que todos eram norte-americanos.

— Uma bela frase de Alice no País das Maravilhas. — Disse Kevin.

— Você sabe me dizer o porquê de eu estar aqui?

Kevin sentou-se na poltrona ao meu lado e sorriu.

— Eu gostaria de ter todas as respostas, mas até

hoje tenho dúvidas se Alice realmente foi para o país das maravilhas ou se ela estava sonhando o tempo inteiro.

— Acho que comigo vai ser assim então. — Falei sorrindo. — Mas prefiro acreditar que Alice foi mesmo ao país das maravilhas... e quando voltar para o mundo real, sempre me lembrarei dos momentos que passei aqui.

— Você vai... — Ele me entregou o livro de couro. — Quando estiver pronta para partir, é só usar magia.

— Obrigada, Kevin!

— E nunca se esqueça, Maitê: você é linda, inteligente e merece ser feliz. — Ele levantou e puxou minha mão, logo eu estava enlaçada nos braços de Kevin. — Vai dar tudo certo, não desista! — Kevin cheirava a café e livros. Nunca pensei ser possível uma pessoa ficar com o cheiro dos livros, mas Kevin tinha esse cheiro e toda a vez que eu cheirasse um livro, me lembraria deste momento.

De repente me lembrei do homem misterioso e

me afastei de Kevin.

— Ele disse que estaria aqui. — Falei olhando para tudo ao meu redor.

De repente quando me virei, vi um corredor que se destacava dentro da livraria. Era um chão de tijolos amarelos e algumas corujas de Harry Potter estavam empoleiradas nas estantes. Quando olhei para trás Kevin havia desaparecido e segurando o livro sobre o peito, segui pelo corredor, sendo seguida por uma a coruja branca com manchinhas pretas. Era Edwiges, eu tinha certeza.

Cheguei a uma porta e a abri, e ao entrar, várias risadas e mulheres me encararam.

Uma mulher mais velha, com cabelos pretos e um corpão me encarou. Ela usava chapéu de cowboy, calça jeans, camisa de flanela e botas de montaria. Nicolle Lennox.

A outra tinha olhos azuis, cabelos pretos e cacheados, usava um vestido com espartilho e sorriu docemente para mim quando entrei na sala. Elizabeth Lennox.

Uma tinha cabelos pretos, corpo bronzeado e quando me viu começou a falar em italiano e gesticular com as mãos. Ela usava um vestido azul marinho e certamente era a Elena Valentini.

A mulher de cabelos cor de fogo e usando roupas coloridas e muitas pulseiras em seus braços era Jasmine, pois a energia que vinha dela era muito boa.

As outras mulheres demorei a reconhecer, mesmo as imaginando em minha cabeça ou a autora tendo dado a elas avatares famosos, ainda assim elas eram diferentes pessoalmente.

Amanda, Paola, Victória, Milena e Cris. Até mesmo Milena de Devassa estava aqui. Fiquei surpresa.

— Você precisa se arrumar para o último ato. — Disse Nicolle me puxando pelo braço.

— Me arrumar? — Perguntei confusa.

— Sim, uma despedida estilo livros de Jane

Austen. — Disse Lizzie. — Eu vou arrumar seu cabelo.

— Eu vou pintar suas unhas... um vermelho bem sexy! — Disse Milena Moore. — Nada como tentar um homem com esmalte vermelho. Não sei o porquê, mas eles têm uma queda por isso. — Ela piscou para mim.

— A lingerie também é importante! — Cris ficou diante de mim. — Separei essa vermelha para você, com cintas ligas. Temos o mesmo corpo, então sei seu número. — Ela tinha uma aura que te fazia prestar a atenção apenas nela quando ela falava... agora eu entendia porque John ficou enfeitiçado por ela.

— Eu vou fazer sua make. — Disse Victória. — Não que você precise de muita maquiagem, sua pele é incrível!

— Mamãe e eu optamos por esse vestido, o que você acha?

Era um vestido amarelo, longo, com a cintura destacada e saia rodada.

— Ele é lindo. — Falei encarando o vestido.

— Combina muito com você, garota... cores quentes. — Disse Lenna.

— Obrigada.

Fui arrumada e mimada por todas aquelas mulheres incríveis. Amanda fez uma massagem em meus pés e escolheu os sapatos de salto pretos. Meus cabelos ficaram soltos e os cachos volumosos brilhavam.

— Preferimos deixar eles ao natural, são tão lindos. — Disse Paola e Lizzie assentiu.

— O seu perfume... é a minha cara. — Disse Jasmine. E passou em meu pescoço e pulsos meu perfume de jasmim. — Sei que você passou por momentos difíceis, minha linda, mas saiba que a felicidade está ao seu alcance, basta se permitir ser feliz. Seu destinado está te aguardando! — Disse Jasmine, a mulher das previsões.

— Você é linda garota. Olhe só para você. —

Cris Lennox me virou de frente a um grande espelho e encarei meu reflexo. O vestido amarelo destacou minha pele negra, os meus cabelos volumosos, que se eu tivesse escolha faria uma chapinha para ir em alguma festa, estavam incríveis ao natural.

— Pronta? Ele vai guiar você. — Nicolle segurou em minha mão e um homem alto, com barba, cabelo escuro, vestindo jeans escuro e com um porte de macho alfa que dava de ver de longe me aguardava. — E sabe, sei que todos queriam ser a Lady Pen, e você nesse universo tem a liberdade de fazer o que quiser. — Nicolle Lennox piscou para mim e me deu um abraço. — Nunca desista de seus desejos, garota!

Quando enlacei meu braço ao de Logan Lennox e caminhei até um grande salão, lá estavam todos eles, todos os personagens dos livros da Jennifer, vestidos em roupas de gala, até mesmo aqueles que não apareceram para mim.

E então fiz o que Lady Penélope faria: apertei a bunda de Logan Lennox antes de me afastar dele.

Fiquei lá, sozinha no meio do salão quando uma música começou a tocar, todos os personagens encontraram seus pares. Eu resolvi ir procurar uma cadeira. Era um tanto deprimente ver todos os pares dançando felizes e eu ali tão sozinha.

— Você me concede essa dança? — O homem misterioso estava diante de mim. Em sua mão estava uma flor amarela que parecia um girassol, só que em tamanho muito menor.

Meu coração acelerou, ele estava ainda mais lindo usando terno e arrumado daquele jeito.

— Sim. — Respondi.

— Posso? — Ele perguntou se podia colocar a flor em meu cabelo e assenti. — Perfeita.

Ele me conduziu novamente para o meio da pista e começamos a dançar.

— Os homens deste lugar são assustadores. — Ele disse sorrindo.

— Como assim?

— Eles me disseram que eu deveria amar você, jamais partir seu coração ou machucá-la de qualquer forma, pois eles iriam atrás de mim até o inferno se eu fizesse isso. — Sorri.

— Gostaria tanto que você fosse real. — Falei e deitei a cabeça em seu ombro.

— Eu sou real e quando encontrar você, vou lhe entregar uma gérbera.

— Gérbera?

— Sim, uma gérbera amarela como essa que coloquei em seu cabelo. Sabe por que escolhi ela?

— Não.

— Gérbera, apesar de parecer uma flor frágil, é uma planta bem resistentes e floresce o ano inteiro. São como você.

— Você mal me conhece.

— Estamos destinados... foi o que uma moça de roupas coloridas me disse.

— Jasmine...

— Nós vamos nos encontrar fora daqui. Tenha fé. — Encarei aquele homem lindo e suspirei.

Ele então aproximou nossos rostos ainda mais e nossos lábios se tocaram. Fechei meus olhos e me deixei ser beijada de verdade por aquele homem. Ele tinha um beijo doce e intenso ao mesmo tempo, enlacei meus braços em seu pescoço aprofundando o beijo. Queria que aquele momento durasse para todo o sempre.

De volta ao mundo real...

Despertei suada, o celular estava tocando muito e me senti frustrada. Eu estava em meu quarto, na minha cama e atendi o celular relutante. Usar magia Kevin disse, quando usar magia poderá voltar ao mundo real, um beijo de amor era mágico? Que pensamento bobo.

— Maitê, precisamos de você aqui. Um ônibus atingiu uma moto e com a confusão mais dois carros. Estamos precisando de reforços.

— Estou a caminho.

Eu precisava de grana e um extra viria em boa hora. Procurei na cama pelo livro mágico, mas ele não estava ali, eu apenas havia adormecido com Indomada do meu lado, não havia nenhum vestígio de o que vivi foi real. Senti vontade de chorar, mas não tinha tempo para isso.

Tomei um banho e fui para o hospital. Estava tudo um caos. Com o carnaval as pessoas sempre bebiam além da conta... até aí tudo bem, bebam e divirtam-se... mas não peguem um volante pois destruíam muitas vidas. Porém as pessoas eram mesmo imprudentes.

Trabalhei o dia inteiro até ficar exausta. Quando finalmente parei para comer alguma coisa que me disseram que se passaram dois dias desde o meu último plantão. Quer dizer que os dois dias que passei no universo paralelo existiram mesmo? Toquei meus lábios com a ponta dos dedos. Ainda podia sentir o toque dos lábios dele sobre os meus e me perguntei se um dia iriamos nos encontrar.

Eu sequer sabia seu nome, ele sabia apenas meu primeiro nome e eu sequer sabia se ele existia mesmo. Não tive tempo de contar para as meninas do grupo do whatsapp sobre meu sonho... na verdade, não sabia se queria compartilhar algo assim tão pessoal. Ainda era doloroso pensar que me apaixonei por um homem que só existia dentro da minha mente.

— Maitê, você pode ir atender um paciente que vai ter alta amanhã? Eu estou com dor de barriga. — Pediu Paula com a mão sobre a barriga.

— Claro. Vai lá. — Ela me entregou uma prancheta e vi que precisava apenas medir a temperatura e tirar a pressão do paciente.

Seu nome era Charles Oliveira do Nascimento. Segui para o quarto dele com o termômetro e o medidor de pressão.

— Boa noite, vim aqui para checar sua temperatura e pressão. Vi que vai ter alta amanhã. — Falei simpática como sempre.

— Maitê... — Aquela voz. Não pode ser.

Encarei o homem e meu coração acelerou no peito.

— Você...

— Pronto, meu filho, eu trouxe o que você pediu. — A senhorinha de antes chegou com um buque de gérberas amarelas. — Oi, foi você quem

me ajudou a encontrar meu neto. — A senhorinha emocionada me encarou e me abraçou. — Menina, você foi um anjo na minha vida! Tão gentil mesmo tendo trabalhando tanto... Sabe, você é muito gentil.

— Obrigada... ele é seu neto? — Apontei para o homem na cama.

— Sim, meu neto. Vocês já se conheceram? — Perguntou ela.

— De certa forma, vovó. — Charles me encarava com um brilho no olhar.

— Que bom. Lembra, meu neto, que lhe disse que essa moça foi muito gentil comigo?

— Foi a Maitê que ajudou a senhora? — A senhora assentiu.

— Quando todos me ignoravam, talvez por eu usar roupas tão humildes, ela foi a única que olhou para mim com carinho e me ajudou. Ela é um anjo.

— Imagina, senhora... eu gosto de ajudar. —

Falei constrangida.

— Eu me chamo Joana, que significa agraciada por Deus, ou presente de Deus.

Encarei-a. Realmente ela era um presente de Deus, pois sem seu livro misterioso, eu jamais teria encontrado Charles e vivido dias incríveis.

— Minha avó revisa textos e revisou um livro inteiro de nomes e seus significados. — Explicou Charles.

— E seu nome, Maitê, combina muito com você. Amável, amada... — Sorri.

— Bem, obrigada.

— Você gostou do livro? — Perguntou ela com um sorriso enigmático.

— Sim. De onde veio aquele livro? — Perguntei curiosa.

— Eu não sei. — Disse ela. — Eu fui em vários hospitais a procura do meu neto e uma moça me

entregou o livro na rua. Ela disse que ele me traria o que eu mais precisasse e tudo o que eu tinha de fazer depois era passar o livro adiante. Quando você me ajudou e encontrei meu Charles, entreguei o livro a você, pois estava me sentindo muito grata.

— Vovó, a senhora poderia trazer um pouco de água para mim? — pediu Charles.

— Claro, volto em um instante. — Ela sorriu e nos deixou á sós.

— Maitê. — Eu o encarei. — Eu me lembro de tudo.

Ele pegou a flor no buque, levantou-se da cama, se aproximou de mim e colocou a flor amarela em meu cabelo. O toque dos seus dedos me causaram arrepios e fechei os olhos por alguns minutos aproveitando a sensação de ter seus dedos contra minha pele.

— Como saberei se não estou sonhando agora? Como saberei se é real? — Perguntei e então abri os olhos. Ele me puxou para si com o braço direito colando nossos corpos.

— É real e vou lhe provar. — Ele segurou firme em minha nuca e pousou seus lábios sobre os meus. Ele chupou e mordiscou meu lábio inferior, me provocando antes de enfiar sua língua sedosa em minha boca. O beijo foi intenso, quente, apaixonado e faminto. Porém teve de durar muito pouco, pois sua avó iria entrar a qualquer momento e aquele era o meu ambiente de trabalho. — Me permita, por favor, fazer parte da sua vida. Sei que deseja tanto quanto eu. — Pediu interrompendo o beijo.

— Você é bem ousado. — Ralhei. — Estou no meu ambiente de trabalho. — Tentei parecer durona, mas gemi quando ele me puxou para si novamente.

— Seria muito ousado da minha parte se lhe convidasse para ir jantar?

— Você vai ter que me provar mais vezes de que isso é real. — Falei ousada, me sentindo devassa.

— Eu vou provar quantas vezes mais você

quiser... a noite inteira se for necessário. — Ele piscou e sorriu.

Dizem que tudo o que você faz para os outros voltam em dobro para você, e me perguntei se aquele evento mágico foi o retorno de tudo o que já fiz de bom. Não que eu fosse uma santa nem nada, mas eu me considerava uma boa pessoa; e as vezes uma pequena gentileza para você pode ser algo grande para alguém, algo significativo e importante.

Eu, assim como Alice que foi para o país das maravilhas, nunca saberei se tudo o que vivi foi real ou um sonho. A mágica da vida era que algumas coisas não tinham explicação. Passei a acreditar que minha gentileza significou tanto para Joana que nos fez criar um laço, e com isso meu destino se entrelaçou-se com o de Charles. Aqueles momentos que vivi dentro das histórias de Jennifer eu jamais iria esquecer. Eu sempre releria aquelas histórias quando tivesse saudades... e quanto ao livro mágico, ele simplesmente desapareceu.

Mas eu não precisava mais do livro mágico,

pois no momento que Charles me envolveu em seus braços pude imaginar em minha mente uma caneta mágica escrevendo em meu nome: Era uma vez... A minha história.

Nota da autora

Quero agradecer a todas as minhas leitoras pelo carinho e apoio; quero agradecer as minhas maravilhosas leitoras betas, em especial a Luzivania Santos que quando entrei no grupo e não sabia sobre o que criar este conto e me deu a ideia inicial criar algo ligado a fantasia, a Beka minha amiga, beta, revisora, comadre, mãe do meu sobrinho felino Kublai e do meu sobrinho levado Magal, por ter me dado a ideia de colocar dentro da história uma leitora real e a primeira pessoa que me veio em mente foi a Luzi. Agradecer a maravilhosa leitora Beta Gisele que me apelidou carinhosamente de diva maléfica ou Elsa coração de gelo por ter me dado a ideia do nome da personagem principal e o título deste conto.

Obrigada as outras betas que surtaram com a gente e acompanharam esse conto e surtaram juntas, e que estão sempre lá comigo. Obrigada a você que leu até aqui, desejo que sua vida seja

mágica como a de Maitê.

Um beijão e obrigada.

---

[1] Muito quente. (em espanhol)

[2] Linda, bonita em espanhol.